

Economia

Técnico vê 4 causas para crise

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A crise econômica que o Brasil enfrenta hoje é, na realidade, o resultado de quatro grandes crises que se superpõem e que são: a crise do excesso de acumulação; a crise das indústrias voltadas para atividades de luxo (automóveis, televisores etc.); a crise do governo e das finanças públicas (INPS, impedimento de continuar emitindo, sobrecarga com estatais etc.); e, finalmente, a crise da dívida externa, que desde 1967 se expandiu através de empréstimos em eurodólares, para aumentar a partir da alta do petróleo, no início da década de 1970. Essa tese foi defendida ontem pelo professor Lauro Campos, economista da Universidade de Brasília que há 30 anos vem estudando o processo de evolução da economia brasileira. A conferência do professor Lauro Campos, intitulada "As Origens da Crise Brasileira", abriu um ciclo de palestras organizado para comemorar o Dia do Economista e que se estenderá até amanhã.

"A crise brasileira começa, ao contrário do que muitos pensam, no processo de formação do capital", continuou Lauro Campos, que explicou: "É um processo originário de três caudais — o caudal do capital estrangeiro, o caudal do capital nacional e o caudal da acumulação privada. Estes três caudais, somando-se, geraram um processo de acumulação selvagem, muito rápida e muito violenta no Brasil, de tal forma que, em trinta anos, a economia brasileira conheceu diversos tipos de crise."

Segundo o economista, quando, no final da década de 50, no governo JK, o capital americano foi transplantado para o Brasil, já chegou aqui como um hóspede incômodo, para criar os primeiros problemas. E afirmou: "Eugenio Gudim calcula em 50% os estímulos e incentivos que o governo deu então a este capital. Se o governo não tivesse reduzido a taxa de juros, não tivesse feito doações, este capital não poderia subsistir no Brasil, porque era um capital que trazia em si os problemas que havia criado para si no seu processo de desenvolvimento, lá fora".

"A partir de 1962, a economia brasileira se desarticula — continuou. Porque esta estrutura produtiva transplantada não tem afinidade conosco, não cria condições para que os artigos de luxo, como os carros, as televisões e as geladeiras — tudo transplantado — pudessem ser consumidos no Brasil".

E o conferencista prosseguiu: "A partir de 1964, através da força, através do arrocho salarial, através da desarticulação sindical e da concentração de recursos na mão da União, se consegue um processo de concentração de renda, capaz de criar o consumo concentrado. A partir daí o processo de acumulação se retoma e entramos na fase do milagre econômico, um processo de acumulação muito intensivo que vai, de 1967 a 1971, criar problemas muito sérios".

O professor explicou que a acumulação na esfera governamental, a acumulação de capital estrangeiro, a acumulação de terras que viram capital, a acumulação de capitais nas estatais, faz com que haja um problema geral de acumulação excessiva de capital. A este processo de superacumulação se somam gastos crescentes do governo, a partir de 73, com a crise do petróleo, uma situação de caixa ruim para o Tesouro. "A partir daí — concluiu — a dívida pública começa a crescer e passa a preparar as bases para a grande crise das finanças públicas que vivemos hoje."

ESTADO DE SÃO PAULO